

Educação no *Emilio* de Rousseau

JOSÉ JOÃO NEVES BARBOSA VICENTE*

Resumo

De um modo geral, o livro *Emilio* parece uma exposição de modelo de programa educacional, mas seu autor zombou das famílias que tentaram educar seus filhos de acordo com esse modelo. Nesse sentido, nosso objetivo é apresentar a ideia da educação presente nessa obra, como uma crítica e um desafio à cultura, às obras intelectuais e artísticas da humanidade.

Palavras-chave: Conhecimento; Natureza; Sociedade; Virtude.

Abstract

In general, the book *Emilio* seems an exhibition of educational program model, but its author scoffed the families who tried to educate their children according to this model. In this sense, our objective is to present the idea of education present in this book, as a critique and a challenge to the culture, the intellectual and artistic works of humanity.

Key words: Knowledge; Nature; Society; Virtue.

* **JOSÉ JOÃO NEVES BARBOSA VICENTE** é Mestre em Filosofia pela Universidade federal de Goiás (UFG), Doutorando em Filosofia pela Universidade Federal da Bahia (UFBA) e Professor Assistente de Filosofia na Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB).

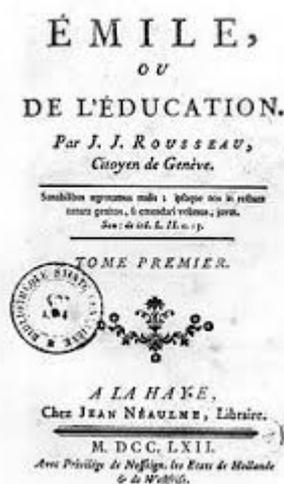
Introdução

Após ter escutado e lido os comentários sobre *Emilio*, Rousseau chega a seguinte conclusão sobre a sua obra: “O que me disseram, o que me escreveram as pessoas mais capazes de a julgar trouxe-me a confirmação de que se tratava do melhor e do mais importante dos meus escritos” (ROUSSEAU, 1964, p.553). Será que alguém ousaria refutar a conclusão do próprio autor sobre a sua obra? Da nossa parte, não vemos nenhuma possibilidade para isso. De acordo com Simpson (2009, p.147), *Emilio* foi considerado pelos “grandes pensadores da geração imediatamente posterior à de Rousseau, especialmente Kant, [...] como um dos mais importantes trabalhos filosóficos jamais escritos”.

Se o próprio Rousseau, como sublinhou Simpson (2009, p.147), não tivesse zombado das famílias que tentaram educar seus filhos de acordo com *Emilio*, uma leitura rápida e superficial desta obra convenceria seus leitores de que ela é simplesmente uma exposição comum de modelo de programa educacional. Mas, quando se trata de analisar o pensamento de Rousseau, é preciso atenção redobrada. Como ele mesmo disse, “não conheço a arte de ser claro para quem não quer ser atento” (ROUSSEAU, 1983, p.73). Nesse sentido, nosso objetivo é apresentar a obra *Emilio* do pensador genebrino como, uma crítica e um desafio à cultura, às obras intelectuais e artísticas da humanidade.

Educação no *Emilio*

Não é tarefa fácil pensar a educação sem concebê-la como um processo de



aculturação (integração da criança na vida social) e como uma introdução às grandes obras intelectuais e artísticas da humanidade. Mas, quando se trata de Rousseau, essa tarefa se torna necessária. Pois, para ele, a verdadeira educação deve ser “natural”: é preciso formar o homem, o homem verdadeiro; para isso, é necessário impedir “como a mãe arranca uma arma perigosa das mãos do filho”

(ROUSSEAU, 1983a, p.341), que a sociedade, as artes e as ciências deformem sua natureza.

Para entendermos essa nova ideia de educação proposta por Rousseau, é preciso analisar a sua obra *Emilio ou da educação* (2004), na qual ele apresenta uma teoria da natureza humana e da sociedade. A obra, como sublinhou Simpson (2007), não ensina como educar crianças ou recuperar uma sociedade perdida, mostra (a partir de exemplos de Emilio e seu preceptor) como preservar a ideia da bondade natural do homem em uma sociedade mergulhada na imoralidade, devido ao progresso das ciências e das artes: “nossas almas se corromperam à medida que nossas ciências e nossas artes avançaram no sentido da perfeição”; nossos políticos “só falam de comercio e de dinheiro”, nunca “de costumes e de virtudes” (ROUSSEAU, 1983a, p.344, 337).

Posicionando-se contra a ideia de que os homens são naturalmente egoístas e vãs, presente na doutrina cristã do “pecado original” e na teoria de Hobbes (2003), Rousseau afirma que os problemas humanos são causados pelos homens e suas instituições: “tudo está bem quando sai das mãos do autor das

coisas, tudo degenera entre as mãos do homem” (ROUSSEAU, 2004, p.7). Deste modo, é necessário educar de acordo com a “natureza” para que seja possível o cultivo e a preservação da bondade natural do homem: “observai a natureza e segui a rota que ela vos traça” (ROUSSEAU, 2004, p.24), este é o único caminho que permite formar um homem que será não apenas feliz, mas também bom para si e para com os outros.

Essa educação deveria ser simples, pois sua essência consiste em sair do caminho da natureza, deixar que Emílio seja ele mesmo: “impedir que algo seja feito” (ROUSSEAU, 2004, p.14). Mas, tornou-se uma atividade complicada, devido a corrupção da sociedade e suas instituições. Assim, para que ela possa efetivar, Emílio precisa ser protegido dessa corrupção em um ambiente diferente. Pois,

[...] no estado em que agora a s coisas estão, um homem abandonado a si mesmo desde o nascimento entre os outros seria o mais desfigurado de todos. Os preconceitos, a autoridade, a necessidade, o exemplo, todas as instituições sociais em que estamos submersos abafariam nele a natureza [...]. Seria como um arbusto que o acaso faz nascer no meio de um caminho, e que os passantes logo fazem morrer, atingindo-o em todas as partes e dobrando-o em todas as direções (ROUSSEAU, 2004, p.7).

Exaltando a importância da primeira educação e o papel fundamental da mãe para seu sucesso, Rousseau diz:

É a ti que me dirijo, terna e previdente mãe, que soubeste afastar-te da estrada principal e proteger o arbusto nascente do choque das opiniões humanas! Cultiva, rega a jovem planta antes

que ela morra; um dia, seus frutos serão tuas delícias. Forma desde cedo um cercado ao redor da alma de teu filho (ROUSSEAU, 2004, p.7-8).

Se a educação do Emílio não for protegida dessa sociedade corrupta e de suas instituições, ele poderá ser um “cidadão”, mas nunca um homem. Afinal, para que ele seja um cidadão, é preciso ter sua natureza demolida e reconstruída. Em outras palavras, é preciso destituir Emílio “de suas próprias forças para lhe dar outras que lhe sejam estranhas e das quais não possa fazer uso sem socorro alheio” (ROUSSEAU, 1983, p.57). Mas, como Rousseau não pretende “desnaturar o homem”, fica evidente que seu objetivo não é “fazer um cidadão”, isto é, “uma unidade fracionária [...] cujo valor está em sua relação com o todo, que é o corpo social”, mas sim “fazer um homem”. É por isso que Emílio deve ser educado em ambiente diferente para que ele possa ser “tudo para si mesmo; [...] unidade numérica, o inteiro absoluto, que só se relaciona consigo mesmo ou com seu semelhante” (ROUSSEAU, 2004, p.11). É preciso escolher, diz Rousseau, “entre fazer um homem ou um cidadão”, não é possível fazer os dois ao mesmo tempo.

Assim, conclui:

[...] aquele que, na ordem civil, quer conservar o primado dos sentimentos da natureza não sabe o que quer. Sempre em contradição consigo mesmo, sempre passando das inclinações para os deveres, jamais será nem homem, nem cidadão (ROUSSEAU, 2004, p.12).

Educar Emílio é, em essência, deixar a natureza seguir seu próprio caminho até onde seja possível. Quando ele tiver que interagir com a cultura estabelecida, deve ter um preceptor que, cuidadosamente, irá orientá-lo como e

com quem ele deve interagir. Mas, Rousseau alerta, “a primeira educação deve ser puramente negativa. Consiste não em ensinar a virtude ou a verdade, mas em proteger o coração contra o vício e o espírito contra o erro” (ROUSSEAU, 2004, p.97). É preciso que tudo se desenvolva em sua própria cadência e em sua própria natureza, para que Emílio possa preservar sua integridade e sua virtude.

Grande parte do livro I é uma investida de Rousseau contra as práticas comuns de proteção das crianças dos perigos e do desconforto. Deste modo, para que Emílio seja levado “de volta ao vigor primitivo” (ROUSSEAU, 2004, p.44), ele não deve ser enfaixado e envolto em fraldas, seus membros devem ficar livres para que possam mover e crescer fortes. Emílio não precisa ser afagado, mas também não há necessidade de expô-lo ao perigo ou desconforto desnecessário. Os pais devem direcionar suas energias fundamentais para manter o Emílio fisicamente vigoroso e limpo.

O *amour-propre*, como aparece em *Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens* (1983b), é a maior causa de conflito entre as pessoas. Assim, na educação do Emílio, sua crescente percepção de si mesmo deve ser moldada, mas o preceptor deve evitar entrar numa batalha de vontades com ele. Todos os impedimentos que serão apresentados aos desejos de Emílio, devem ser vistos como inevitáveis, como uma força da natureza, para que ele nunca desenvolva o sentimento de rancor contra o preceptor. Pois, sobre as coisas que pensam serem necessárias, as pessoas não sentem rancor; quando acreditam que alguém está, intencionalmente, impedindo-as de conseguirem aquilo que querem, sentem rancor. Diz Rousseau,

[...] sintam ele cedo sobre sua cabeça altiva o jugo duro que a natureza impõe ao homem, o pesado jugo da necessidade, sob o qual todo o ser finito deve dobrar-se; veja ele essa necessidade nas coisas, nunca no capricho dos homens; seja a força e o freio que o detém, e não a autoridade. Não lhe proibais aquilo de que deve abster-se; impedi-o de fazê-lo, sem explicações nem raciocínios; o que lhe dais, dai-o à primeira palavra dele, sem pedidos, sem rogos e sobretudo sem condições. Daí com prazer, recusai somente com repugnância, mas que todas as vossas recusas sejam irrevogáveis; que nenhuma importunidade vos abale; que o não pronunciado seja um muro de bronze, contra o qual a criança não terá investido cinco ou seis vezes e já não tentará derrubá-lo (ROUSSEAU, 2004, p.93).

No livro II Rousseau apresenta um exemplo extraordinário. Isso acontece quando o preceptor percebe que Emílio está preparado para aprender a respeitar a propriedade alheia. Para essa lição, o preceptor conta com a colaboração de seu jardineiro Robert. Ao ver algumas pessoas arando a terra, Emílio decide que gostaria de plantar feijão, o preceptor aceita. Mas, um dia, eles descobrem que foram arrancados os pés de feijão que haviam cultivados, muito aborrecido, Emílio reclama com Robert, que responde que ele já havia plantado melões naquela área e que arrancou os pés de feijão porque arruinariam suas plantações. O preceptor se desculpa e faz com que Emílio entenda que é errado causar danos à propriedade de alguém, da mesma forma que se sentiu aborrecido quando seus pés de feijão foram danificados.

A preocupação de Rousseau com a educação de Emílio, não consiste em ensiná-lo muitas coisas, mas em não

deixar que entre “em seu cérebro ideias que não sejam claras e justas”. O que Emílio precisa é não cometer erros, assim, diz Rousseau, algumas verdades que coloco em sua cabeça, é apenas para preservá-lo “dos erros que aprenderia em seu lugar. A razão e o juízo vêm lentamente, os preconceitos acorrem aos montes” (ROUSSEAU, 2004, p.221-222); é deles que Emílio precisa ser protegido, causam danos, encorajam falsas crenças e vaidade. A educação deve, portanto, protegê-lo disso, ajudar seus órgãos e seus sentidos a funcionarem corretamente, mais do que dar a ele um acúmulo de palavras, ideias, fatos e teorias. Emílio deve ser afastado dos estudos especulativo e morais (bem / mal), pois “até agora não conhecemos outra lei que não a da necessidade; agora nos deparamos com o que é útil; logo chegaremos ao que é conveniente e bom”. É preciso, primeiro, desenvolver o corpo, depois instruir o espírito. É preciso lembrar “sempre que a ignorância jamais causou mal, que só o erro é funesto e que não nos perdemos por não sabermos, mas por crermos saber” (ROUSSEAU, 2004, p.214).

Quando a força de Emilio excede seus desejos, e isso ocorre, segundo Rousseau, aos doze ou treze anos, é preciso cuidado para que ele não faça mais do que deseja:

[...] esse intervalo em que o indivíduo pode mais do que deseja, embora não seja o período de sua maior força absoluta, é, como já disse, o de sua maior força relativa. É o tempo mais precioso da vida, tempo que só aparece um vez; tempo muito curto e, por ser tão curto, [...]; é importante que seja bem empregado (ROUSSEAU, 2004, p.212-213).

É nesse período que Emilio ganha seu primeiro livro, uma copia da obra de

Daniel Defoe, *Robinson Crusoe*. Abandonado em uma ilha deserta, Crusoe encontra-se livre das opiniões dos outros e direciona seu pensamento e sua ação para as questões práticas de como resolver necessidades reais. Pensa por si mesmo e de forma genuína, sobre o que é importante e como fazer para consegui-lo. Para Rousseau,

[...] o meio mais seguro de nos elevarmos acima dos preconceitos e ordenarmos os juízos de acordo com as verdadeiras relações entre as coisas é colocarmo-nos no lugar de um homem isolado e julgarmos tudo como tal homem deve ele próprio julgar, com relação à sua própria utilidade (ROUSSEAU, 2004, p.244-245).

Nesse livro sem nenhuma referencia à sociedade e suas instituições, Emilio encontra um reflexo dos seus próprios sentimentos e um modelo de recursos.

Emilio tem pouco conhecimento, mas os que têm são seus de verdade; nada sabe pela metade. Dentre as poucas coisas que sabe, e sabe bem, a mais importante é que existem muitas coisas que ele ignora, mas pode um dia saber, [...]. Ele tem um espírito universal, não pelas luzes, mas pela faculdade de adquiri-las; um espírito aberto, inteligente, pronto para tudo (ROUSSEAU, 2004, p.281).

Mesmo tendo uma mente “madura”, a vida emocional de Emilio é muito simples e seus preceitos morais são limitados, mas ele é bom e não possui nenhuma inclinação para causar danos aos outros. Ele é forte e agradável, pois aprendeu a viver para si mesmo. “Ele se examina sem prestar atenção aos outros e acha bom que os outros não pensem nele. Nada exige de ninguém e nada crê dever a ninguém; está sozinho na sociedade humana e só conta consigo mesmo” (ROUSSEAU, 2004, p.283).

O que falta ainda na educação de Emilio? Rousseau responde: o desenvolvimento da paixão romântica e seu senso de *amour-propre*, “a primeira e a mais natural de todas as paixões” (ROUSSEAU, 2004, p.283). Emilio está prestes a deixar de ser criança, está:

[...] sentindo a necessidade que o une às coisas. Depois de ter começado por exercitar o seu corpo e os seus sentidos, exercitamos seu espírito e seu juízo. Finalmente reunimos o emprego de seus membros ao de suas faculdades; fizemos um ser ativo e pensante; para terminar o homem, só nos resta fazer um ser amoroso e sensível, isto é, aperfeiçoar a razão pelo sentimento (ROUSSEAU, 2004, p.274).

O surgimento de senso de vaidade, a maturidade sexual e a participação no mundo social, encontram-se ligados entre si; desenvolvem e interagem juntos. Deste modo, corre-se o risco de um deles se manifestar erroneamente, colocando em perigo tudo o que o preceptor construiu até agora.

Como o mugido do mar precede de longe a tempestade, essa tempestuosa revolução é anunciada pelo murmúrio das paixões nascentes; uma fermentação muda anuncia a aproximação do perigo. Uma mudança no humor, arroubos frequentes, uma contínua agitação de espírito tornam a criança quase indisciplinável. Torna-se surda à voz que a fazia ficar dócil; é um leão em sua febre; desconhece seu guia, já não quer ser governada (ROUSSEAU, 2004, p.286).

Através de uma análise refinada da vaidade, Rousseau diz:

A fonte de nossas paixões, a origem e o princípio de todas as outras, a única que nasce com o homem e nunca o abandona enquanto ele vive é o amor de si; paixão

primitiva, inata, anterior a todas as outras e de que todas as outras não passam, em certo sentido, de modificações. Neste sentido, todas, se quisermos, são naturais. Mas a maior parte dessas modificações tem causas estranhas, sem as quais elas jamais ocorreriam; e essas mesmas modificações, longe de nos serem vantajosas, são-nos nocivas (ROUSSEAU, 2004, p.288).

A interação com outras pessoas, quando as partes comparam seus méritos relativos e bem – estar, é a causa primária dessas modificações:

O amor de si, que só a nós mesmos considera, fica contente quando nossas verdadeiras necessidades são satisfeitas, mas o amor – próprio, que se compara, nunca está contente nem poderia estar, pois esse sentimento, preferindo-nos aos outros, também exige que os outros prefiram-nos a eles, o que é impossível. Eis como as paixões doces e afetuosas nascem do amor de si, e como as paixões odiantas e irascíveis nascem do amor – próprio (ROUSSEAU, 2004, p.289).

O preceptor precisa ajudar Emilio, mesmo ciente do sofrimento dos outros, a ser feliz e seguro consigo mesmo. Ajudá-lo a conhecer suas dificuldades é importante, pois o ajuda a sentir satisfeito consigo mesmo. Se não é possível erradicar a vaidade do seu caráter, é possível direcioná-la para canais benéficos. Sentindo-se seguro em suas habilidades físicas e mentais, Emilio apenas deseja aquilo que já tem.

As instruções da natureza são tardias e lentas; as dos homens são quase sempre prematuras. No primeiro caso, os sentidos despertam a imaginação; no segundo, a imaginação desperta os sentidos; dá-lhes uma atividade precoce que não pode deixar de

irritar e enfraquecer primeiro os indivíduos, depois a própria espécie, a longo prazo (ROUSSEAU, 2004, p.292).

A vaidade e os desejos sexuais do Emílio devem desenvolver a partir do seu próprio caráter, não devem ser forçados para não imprimir “em seu sangue uma fermentação precoce” (ROUSSEAU, 2004, p.299). Quando eles desenvolvem e amadurecem em suas próprias cadências,

[...] uma longa inquietação precede os primeiros desejos, uma longa ignorância os camufla; deseja-se sem saber o quê. O sangue fermenta e se agita; uma superabundância de vida procura estender-se para fora. O olho anima-se e percorre os outros seres, começa-se a tomar interesse pelos que estão à volta, começa a sentir que não se foi feito para viver sozinho; é assim que o coração se abre para as afeições humanas e torna-se capaz de apego (ROUSSEAU, 2004, p.300).

Portanto, para que Emílio não venha a desenvolver vaidade destrutiva, vida sexual e responsabilidade social devem ser introduzidas como parte da sua educação, apenas quando ele começar, verdadeiramente, a sentir o desejo e, a saber, o que quer. Enquanto essa hora não chegar, seu desenvolvimento intelectual deve progredir através do estudo da natureza até o mais alto dos tópicos: a religião.

Desde início Rousseau deixou claro que Emílio não podia ter contato com assuntos que não podia entender. Assim, a religião (cristianismo) tão carregada de mistério e paradoxos, não podia fazer parte da sua educação na “primeira idade”. Diz Rousseau:

[...] posso prever como meus leitores ficarão surpresos ao me verem atravessar toda a primeira idade de meu aluno sem lhe falar de

religião. Aos quinze anos, ele não sabia se tinha uma alma e talvez aos dezoito ainda não seja hora de aprendê-lo, pois se o aprender mais cedo do que convém correrá o risco de nunca o saber (ROUSSEAU, 2004, p.360).

O preceptor introduz o estudo da religião na educação do Emílio, quando este começa a questionar sobre a natureza fundamental das coisas. Das mãos do preceptor, ele recebe a obra *Profissão de fé do vigário saboiano*. Este é um texto polêmico que ataca o dogmatismo cristão, a intolerância religiosa e as religiões organizadas. Muitos afirmam que ao apresentar o texto como sendo escrito por um vigário de Saboia, Rousseau quis esconder suas opiniões. No entanto, é difícil acreditar que sejam verdade, muitas coisas que falou e assinou foram tão polêmicas e incendiárias como as que colocou na boca do vigário. Por exemplo, quando afirmou que as crianças deveriam aprender apenas aquilo que são capazes de entender, foi nesses tons que ele disse:

Se eu tivesse de retratar a estupidez deplorável, pintaria um pedante a ensinar o catecismo às crianças; se eu quisesse enlouquecer uma criança, obrigá-la-ia a explicar o que diz quando recita seu catecismo. [...]. sem dúvida não há um minuto a perder para merecer a salvação eterna, mas, se para obtê-la bastar repetir certas palavras, não vejo o que nos impede de povoar o céu de estorninhos e de pegas, tanto quanto de crianças (ROUSSEAU, 2004, p.360).

No contexto de Emílio, a obra foi escrito por um vigário de Saboia que defende uma religião natural, modesta, que encaixa perfeitamente em sua educação.

Trazendo pois em mim o amor à verdade como única filosofia, e como único método uma regra fácil e simples que me dispensa da vã sutileza dos argumentos, retomo com essa regra o exame dos conhecimentos que me interessam, decidido a admitir como evidentes todos aqueles a que, na sinceridade de meu coração, não possa recusar meu consentimento, como verdadeiros todos os que me pareçam ter uma ligação necessária com os primeiros e a deixar todos os outros conhecimentos na incerteza, sem rejeitá-los nem admiti-los, e sem me atormentar para esclarecê-los quando não me levem a nada de útil para a prática (ROUSSEAU, 2004, p.378).

A crença em Deus apresentado pelo vigário encontra-se fundamentada em argumentos teológicos simples. A ordem e a arquitetura do universo encontram-se fundamentadas na ideia de uma inteligência e um poder supremos. O vigário acredita e sente que existe uma “vontade poderosa e sábia” que governa o mundo, e questiona:

[...] mas será este mundo eterno ou criado? Haverá um princípio único das coisas? Nada sei sobre isso, e o que me importa? À medida que estes conhecimentos forem se tornando interessantes para mim, esforçar-me-ei por adquiri-los; até lá renuncio a questões inúteis que podem inquietar meu amor – próprio, mas que são inúteis à minha orientação e superiores à minha razão (ROUSSEAU, 2004, p.389).

O vigário critica as formas de fanatismo e intolerância (cristãos contra os não cristãos):

Em Constantinopla, os turcos expõem suas razões, mas não ousamos expor as nossas; é nossa vez de rastejar. Se os turcos exigem

de nós, para com Maomé, no qual não acreditamos, o mesmo respeito que exigimos para com Jesus Cristo da parte dos judeus, que tampouco creem nele, os turcos estariam errados? Teremos razão? Com base em que princípio equitativo resolveremos essa questão? [...], e, se o filho de um cristão faz bem em seguir, sem um exame profundo e imparcial, a religião de seu pai, por que o filho de um turco faria mal em seguir a mesma religião de seu pai? Desafio todos os intolerantes a responder a essa pergunta como algo que satisfaça um homem sensato (ROUSSEAU, 2004, p.434,437).

Critica, também, a crença em milagres e a religião organizada que, em essência, encorajam a subserviência, a superstição e a ignorância. A violação do princípio do deus justo encontra-se presente na ideia do pecado original e na ideia que defende que apenas salva aquele que for membro da igreja: “Pressionados por essas razões, uns preferem tornar Deus injusto e punir os inocentes pelo pecado de seu pai a renunciar a seu bárbaro dogma” (ROUSSEAU, 2004, p.437)

Para se familiarizar com tipos diferentes de pessoas, costumes e hábitos, Emílio viaja para uma cidade “sofisticada”. Mas, Antes de viajar, para que não venha a cair no deboche público na cidade “sofisticada”, o preceptor faz com que ele imaginasse uma esposa perfeita para ele – a Sofia. Emílio está agora livre do perigo desta cidade e preparado para se apaixonar totalmente, quando encontrar a Sofia. Afinal, “a mulher é o homem foram feitos um para o outro” (ROUSSEAU, 2004, p.526). Sem ser corrompido, cultiva e refina seu gosto pela arte e seu julgamento moral, tornando-se mais sutil; aprende a escrever bem através do estudo dos clássicos da literatura antiga.

O conhecimento do que pode ser agradável ou desagradável aos homens não é necessário somente a quem precisa deles, mas também a quem lhes quer ser útil; é importante agradar-lhes para servi-los, e a arte de escrever é tudo, menos uma arte ociosa, quando a empregamos para que a verdade seja ouvida (ROUSSEAU, 2004, p.493).

Emílio ainda não está completo, apesar de possuir um forte intelecto e um bom caráter, de saber quem é ele e de conhecer todas as suas obrigações para com os outros, ele é ignorante quando o assunto é a política.

Ora, depois de ter-se considerado através de suas relações físicas com os outros seres, de suas relações morais com os outros homens, resta-lhe considerar-se pelas relações civis com os outros cidadãos. Para isso, ele deve começar por estudar a natureza do governo em geral, as diversas formas de governo e finalmente o governo particular sob o qual nasceu, para saber se lhe convém viver nele (ROUSSEAU, 2004, p.672-673).

Para aprender sobre os princípios da filosofia política, Emílio recebe do preceptor um resumo do *contrato social*, sobre os detalhes da política, ele aprende viajando pelas grandes cidades da Europa. Ao regressar da viagem, Sofia e Emílio se casam e vão viver numa casa de campo. Emílio agora é um homem completo; se for exigido, pode desempenhar tranquilamente os serviços públicos; mas, se puder, prefere viver no campo.

Considerações finais

Para Rousseau, é necessário que os impulsos da criança se desenvolvam no momento certo, sem serem forçados ou moldados em idade precoce, e nem

submetidos ao controle externo, como preceitos ou instruções. Por isso, para ele, a regra mais importante de toda educação é aquela que não deixa nenhuma marca sobre a criança. É aquela condizente com as disposições naturais da criança, capaz de prevenir o nascimento de vícios, é aquela que permite ao indivíduo ser sem nenhuma contradição. A meta de Rousseau é vencer a dependência em relação aos outros e alcançar a autonomia, mesmo numa sociedade corrupta. É preciso, portanto, libertar as crianças da tirania das expectativas dos adultos, para que suas faculdades possam se desenvolver sem amarras, cada qual em seu devido momento.

Referências

HOBBS, Thomas. **Leviatã ou matéria, forma e poder de uma república eclesiástica e civil**. Trad. João Paulo Monteiro; Maria Beatriz Nizza Da Silva. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. **Emílio ou da educação**. Trad. Roberto Leal Ferreira. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

_____. **Do contra social**. Trad. Lourdes Santos Machado. São Paulo: Abril Cultural, 1983.

_____. **Discurso sobre as ciências e as artes**. Trad. Lourdes Santos Machado. São Paulo: Abril Cultural, 1983a.

_____. **Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens**. Trad. Lourdes Santos Machado. São Paulo: Abril Cultural, 1983b.

_____. **Confissões**. Trad. Fernando Lopes Graça. Lisboa: Portugália, 1964

SIMPSON, Matthew. **Compreender Rousseau**. Trad. Hélio Magri Filho. Rio de Janeiro: Vozes, 2009.

Recebido em 2013-07-26
Publicado em 2013-11-11